



LETRAMENTO VISUAL EM TURMAS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA/PARFOR

Walace Rodrigues¹

Resumo

Este artigo busca tratar de experiências de letramento visual em turmas de Pedagogia do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), deixando ver a importância das várias formas de linguagens existentes no mundo atual e como podemos utilizá-las de maneira letrada. O foco deste artigo recai sobre a leitura de imagens, levantando a questão da necessidade da alfabetização visual e do letramento visual, principalmente para professores que irão trabalhar com a infância brasileira, infância esta já completamente acostumada ao mundo das imagens e seus códigos. Relato, enquanto metodologia discursiva, minhas experiências, enquanto professor, com colagens nos cursos de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR dos campus de Araguaína e Tocantinópolis, no norte do Estado do Tocantins, deixando ver a presença de um entendimento do mundo através da linguagem visual para estes estudantes-professores que cursam Pedagogia.

Palavras-chave: Letramento Visual. PARFOR. Pedagogia. Educação. Ensino.

VISUAL LITERACY IN PEDAGOGY/PARFOR GRADUATION CLASSES

Abstract

This paper aims to treat about visual literacy experiences in Pedagogy/PARFOR (National Plan for Basic Education's Teachers Training) to graduation classes, it lets see the importance of the various languages in the actual world and how we can use them in a literary way. The focus of this paper is the reading of images, raising questions regarding the need of visual alphabetization and visual literacy, mainly for teachers who are going to work on infantile education, as the infantiles are accustomed to the world of images and their codes. As discourse methodology I show my experiences as graduation teacher using collages in the graduation courses of Pedagogy/PARFOR at the campuses of Araguaína and Tocantinópolis, in the North part of the State of Tocantins, Brazil, showing the need for these student-teachers of Pedagogy to understand the world via visual language.

Keywords: Visual Literacy. PARFOR. Pedagogy. Education. Teaching.

LETRAMENTO VISUAL EN CLASES DE LICENCIATURA EN PEDAGOGIA/PARFOR

Resumen

Este artículo pretendese hacer frente a experiencias visuales de alfabetización en clases PARFOR Pedagogía (Plan Nacional de Formación del Profesorado de Educación Básica), revelando la importancia de las diversas formas de lenguajes existentes en el mundo hoy en día y cómo podemos utilizarlas de manera alfabetizada. El foco de este artículo corresponde a la lectura de imágenes, planteando la cuestión de la necesidad de la alfabetización visual y el letramento visual, especialmente para los profesores que

¹ Doutor em Humanidades pela Leiden Universiteit (Países Baixos).

trabajarán con los niños brasileños, los infantes ya están bastante acostumbrados al mundo de las imágenes y de sus códigos. Cuento, encuanto metodología discursiva, mis experiencias con collages, encuanto profesor, en los cursos de Licenciatura en Pedagogía/PARFOR de los campus de Araguaína y Tocantinópolis, en el norteño estado de Tocantins, y que revelan la urgencia de entender el mundo a través del lenguaje visual para estos estudiantes-maestros que estudian pedagogía.

Palabras-Clave: Alfabetización Visual. PARFOR. Pedagogia. Educación. Ensino.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca propor uma reflexão a partir de experiências pedagógicas de letramento visual partindo das atividades de colagem desenvolvidas durante minhas aulas para o curso de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR da Universidade Federal do Tocantins (UFT), nos campus de Araguaína e Tocantinópolis.

Enquanto metodologia, este artigo se coloca como um relato de experiências durante minhas aulas na referida licenciatura. Aqui reflito sobre minhas próprias práticas pedagógicas e informo sobre o processo de letramento visual dos estudantes do PARFOR com os quais trabalhei durante minhas aulas.

Entendendo o homem enquanto um ser de linguagem, esta faz-se necessária para introduzi-lo no mundo cultural. Isto nos mostra que compreender signos linguísticos somente nos faz mais humanos, ou seja, humaniza-nos cada vez mais. Ainda, é necessário, introdutoriamente, afirmar a necessidade de ser letrado não somente verbalmente, mas também visualmente, sonoramente, cinesteticamente, etc.

Desta forma, o letramento se coloca como um processo que vem logo após a leitura, sendo um processo de uso efetivo e crítico das leituras no ambiente sociocultural onde se vive. Assim, há uma necessidade urgente de fazer com que os estudantes do PARFOR compreendam a importância das várias leituras possíveis (neste caso dou relevância à leitura visual) de um determinado “objeto” (*object* e *subject*) para sua formação enquanto professores e para suas próprias vidas.

Nas trilhas teóricas da linguagem visual

Gostaria de começar esta parte do texto deixando claro que acredito que o ser humano é linguagem. E refletir sobre linguagem se coloca como algo importante para nós da academia e fora dela. Porém, em um mundo com tantas facetas, não se pode dizer que exista somente a linguagem verbal, ou que ela tenha, por si só, a primazia de simbolizar e decifrar o mundo através da comunicação que ela nos permite.

Os estudantes do Ensino Médio que fazem as atuais provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) podem confirmar a necessidade de se compreender e relacionar as várias linguagens existentes, já que tal exame inter-relaciona várias formas de linguagens. Dificilmente haverá uma questão que não esteja relacionada a uma imagem dada, a um gráfico, a uma estatística, etc. O ENEM é uma das provas da necessidade de se aprender as várias formas de linguagens utilizadas no mundo atual e de aprender a relacioná-las, tirando sentidos e significações delas.

Vale colocar, aqui, uma passagem da arte-educadora Ana Mae Barbosa (1995) que, já na década de 1990, nos informava sobre a necessidade fundamental de a escola trabalhar para alfabetizar e letrar, não só visualmente, seus estudantes:

Nosso problema fundamental é alfabetização: alfabetização *letral*, alfabetização emocional, alfabetização política, alfabetização cívica, alfabetização visual. Daí, a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos. Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora. (BARBOSA, 1995, p. 63).

Note que sempre me refiro ao termo letramento, porém, antes de ser letrado, o estudante necessita ser alfabetizado. O termo letramento se refere, aqui, ao uso crítico, social e simbólico daquilo que decodificamos, sejam um texto, seja uma imagem, seja uma música, seja um gráfico, etc. Aprendemos a ler na escola, porém poucos estudantes chegam ao nível do letramento. Isso também acontece com muitos professores do PARFOR, pois notei que poucos são suficientemente alfabetizados visualmente.

Partindo da aquisição instrumental de nossa própria língua no ambiente escolar e para entender o que é alfabetização e o que é letramento, utilizo-me de passagens dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) da Língua Portuguesa para o Educação Fundamental, que nos informam o seguinte:

... a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem (BRASIL, 1997, p. 15).

Ainda dos PCNs:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1997, p. 21).

Tomo como premissa que vivemos em um mundo de linguagens variadas. Essas linguagens são simbolicamente criadas pelos homens para facilitar a comunicação entre eles e para melhor compreensão do mundo. Se essas várias linguagens são criadas, elas podem ser aprendidas e repassadas a diante. Assim, a educadora Maria Sívia Cintra Martins (2009) nos deixa ver que:

...a linguagem aparece como forma de manifestação para a energia humana que busca vazão, extravasamento, para a necessidade própria ao ser humano de expressão e comunicação. Nesse sentido, tem muito a ver com a afetividade e com a possibilidade de exercer papéis dentro da comunidade, seja adulta, seja infantil (MARTINS, 2009, p. 23).

Além de compreender as várias linguagens utilizadas no ambiente escolar, e no mundo em geral, há que se compreender que elas se inserem no ambiente da cultura local onde são utilizadas. Coloco, aqui, uma passagem de José Manuel de Sacadura Rocha (2010) sobre este ponto, porém este autor foca nos mecanismos de linguagem oral e em sua relevância cultural:

A linguagem exige, para o homem, de um lado, um aparelho vocal apropriado, de outro lado, a produção abstrata de símbolos. O homem não é o único animal que se comunica com os de sua espécie. Mas é o único que o faz através de um conjunto de signos elaborados abstratamente na ânsia de traduzir o meio que o rodeia, a natureza e a relação com seus semelhantes. É o único que sente a necessidade de registrar as experiências de sua vida – a sua cultura. Em todas essas situações, e para que elas sejam possíveis, é necessário trabalho e desenvolvimento cerebral. A cultura é, como se viu, um conjunto de valores significativos introduzidos na coletividade a partir da necessidade humana de interpretar a sua relação com a natureza e com os outros homens (ROCHA, 2010, p. 32).

Ainda, as pesquisadoras Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006) nos lembram que os professores, das várias escolas pelo país, devem saber ler as várias linguagens existentes, entre elas a visual. Elas nos informam que:

Para que se realize um efetivo exercício de leitura das imagens em sala de aula, o educador em arte deve conhecer as especificidades das linguagens artísticas, pois saber ler implica um processo de alfabetização visual. De fato, ler uma imagem exige o domínio do conhecimento de que ela é depositária, de modo que

a leitura aplicada à obra de arte está estritamente relacionada com a construção de significados a partir do repertório, da experiência cultural e da posse dos conhecimentos essenciais requeridos na apreciação (SCHLICHTA; TAVARES, 2006, p. 7).

Também, para Paulo Freire (1997), o professor deve ser um ser curioso, crítico, criativo e indagador, instigando o aprender e aguçando a curiosidade de seus estudantes. Neste sentido, aprender a ler imagens e a utilizar estas leituras (ser letrado visualmente) implica não somente em dominar conteúdos prévios, dos repertórios pessoais ou científicos, mas em um espírito curioso, crítico e inovador conforme passagem abaixo:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1997, p. 35).

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Acrescentando ao mundo minhas experiências como professor do PARFOR, informo que o estudo aqui descrito se refere a minhas experiências com letramento visual, através do uso de colagens, em turmas de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR dos campus de Araguaína e Tocantinópolis, na região ao norte do Estado do Tocantins.

Ainda, gostaria de definir o programa que serve de objeto de análise deste escrito: o PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). Este plano é uma iniciativa do Governo Federal para graduar professores que somente têm Ensino Normal (de nível médio) e que exercem suas funções como educadores dentro das salas de aula de nosso imenso país. A maior parte deste estudantes não tem nenhuma graduação prévia de nível superior e trabalha em condições difíceis nas escolas do interiorzão do Brasil.

Os estudantes do PARFOR, com os quais trabalhei, são professores do interior do Bico do Papagaio, no extremo norte do Estado do Tocantins. Suas condições de trabalho são, geralmente, bastante precárias e se nota que eles necessitam de uma formação mais sólida de conteúdos e balizada no respeito às diferentes linguagens, na formação da criticidade e na humanização que a educação pode trazer.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei 9.394/1996), com várias alterações até 2013,

nos impõe a necessidade de formação mínima de nível superior em licenciatura plena para atuar na educação básica, conforme artigo 26, que transcrevo aqui:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996, artigo 26).

A partir desta necessidade de formação Superior dos professores atuantes, e somente com o Ensino Médio da modalidade Normal, é que foi formulado, sob os encargos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o PARFOR. Este plano visa formar os profissionais da educação que trabalham ativamente na área da educação escolar, ou seja, professores atuantes dos recôncavos do Brasil, de lugares onde existe pouca ou nenhuma possibilidade de formação superior.

Algumas universidades federais foram selecionadas pela CAPES para a execução do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica em seus estados de atuação e localização, e a Universidade Federal do Tocantins (UFT) faz parte deste grupo de universidades que detêm a responsabilidade de formar e diplomar estes estudantes. Como professor desta universidade e atuante no PARFOR, resolvi mostrar como tento conscientizar meus estudantes da importância de valorizar as leituras e usos das diferentes linguagens através da criação e análise de colagens artísticas, entre outras tantas linguagens utilizadas nas aulas.

Como este escrito trata de uma análise de experiências, vale informar que participo do PARFOR como professor formador desde 2012 e que tenho ofertado disciplinas ligadas à Arte nos cursos de licenciatura em Pedagogia e Letras, dos campus de Tocantinópolis e Araguaína, da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A EXPERIÊNCIA ANALISADA

Durante minhas aulas nestes cursos de licenciatura, nas disciplinas de “Arte e Educação”, “Fundamentos e Metodologias do Ensino das Artes e do Movimento” e “História da Arte”, fiz várias oficinas que tinham como foco o letramento visual a partir do repertório pessoal dos estudantes e de obras conhecidas da História da Arte mundial.

Uma destas oficinas foi direcionada à confecção de colagens artísticas através da utilização da Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa (1995). Tal metodologia foca na

criação de um objeto de arte, na contextualização histórico-social-artístico-cultural e na leitura das imagens artísticas criadas. Essa metodologia valoriza não somente a criação e o contexto dos objetos de cunho artístico, mas também a leitura dos elementos visuais e das sensações trazidas por eles.

Gostaria de explicar um pouco sobre a linguagem artística utilizada nesta experiência: a colagem. A colagem, que vemos ser utilizada principalmente na Educação Infantil, pode ser considerada um primeiro passo para uma linguagem artística mais complexa, já que foca na textura dos materiais e não propriamente na leitura da imagem criada. Não pense que crianças da Educação Infantil não sabem ler imagens, elas o fazem com muita espontaneidade e de forma muito imaginativa, porém sem muitos conhecimentos estéticos sobre os elementos visuais.

A colagem artística foi vastamente utilizada por artistas mundialmente conhecidos no começo do século XX. Esta linguagem artística toma forma com Pablo Picasso (1881-1973), Georges Braque (1882-1963) e Juan Gris (1887-1927). Estes são, a meu ver, os artistas mais relevantes no uso da colagem no período moderno. Eles faziam suas pesquisas sobre tridimensionalidade utilizando cartões, pedaços de jornais e revistas, organizavam este material e os colavam ao quadro, formando um arranjo inusitado. Esse período cubista¹ de uso de colagens foi chamado pelos historiadores da arte H. Janson e Anthony Janson (1996) como “cubismo de colagem”. Uso aqui uma passagem destas autorias para explicar o uso de materiais descartados para a composição das colagens:

Por que Picasso e Braque subitamente preferem os conteúdos da cesta de lixo ao papel e a tinta? Porque começaram a pensar na superfície do quadro como uma espécie de bandeja na qual “serviriam” a natureza-morta ao observador, e porque descobriram que a melhor maneira de explorar esse novo conceito era colocar objetos reais sobre a bandeja. Os ingredientes de uma colagem, na realidade, têm um duplo papel; foram moldados e combinados, e depois desenhados ou pintados com o objetivo de lhes conferir um sentido figurativo, mas também sua identidade original como fragmentos de materiais. Assim, a função é tanto *representar* (serem parte de uma imagem) e *apresentar* (serem eles próprios). Nesse papel, dão à colagem uma autossuficiência que nenhum quadro do Cubismo Facetado teria dado (JANSON, A; JANSON, Anthony, 1996, p. 367-8).

Esta autossuficiência enquanto linguagem artística era exatamente o que eu buscava nas experiências sobre colagens com os estudantes do PARFOR. Expliquei aos estudantes, com o

¹ O Cubismo pode ser dividido em algumas fases, de acordo com o seu desenvolvimento na obra de Pablo Picasso, sendo eles: fase primitiva (de 1908 a 1909), do famoso quadro pré-cubista *Les Femmes d'Alger*, de 1907; cubismo analítico (de 1908 a 1912) e o cubismo sintético (de 1912 a 1913).

auxílio de imagens de colagens de artistas famosos, o que seria a linguagem artística da colagem. Pedi que eles pensassem em um tema, que buscassem figuras nas revistas disponíveis, recortassem as figuras e que arrumassem estas figuras para compor um discurso visual que outros deveriam compreender. Parece estranho, porém o ato de colar é a última coisa que se deve fazer em uma colagem. A escolha das figuras e seus arranjos são tarefas de extrema importância neste tipo de linguagem visual. A colagem funciona, neste caso, portanto, como uma assemblage de figuras para formar uma imagem completa e original.

Conforme Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari (2010), os principais elementos das artes visuais são: espaço, superfície, volume, linha textura, cor e luminosidade. Busquei instruir os estudantes sobre estes elementos e me utilizei dos repertórios visuais que traziam de suas vivências.

Relembramos as figuras geométricas, as cores primárias e secundárias, como escolher imagens, como recortar detalhes, como utilizar a roda de cores, como dar sensação de movimento com imagens, repetição, relevo, acumulação e seus efeitos, entre outros pontos importantes para compor uma boa colagem.

Pode-se verificar que um bom trabalho com colagem no ambiente de ensino nos leva a reflexões para além do imagético e do material. As sensações oriundas dos trabalhos, como as de profundidade, proximidade, textura, movimento, entre outras, podem ser compreendidas através de elementos visuais dispostos na colagem e ajudam a gerar questionamentos e respostas de caráter extremamente artístico e pessoal.

Quanto à execução, trabalhamos em grupos de 3 a 4 pessoas e, para a surpresa de todos, os trabalhos ficaram bastante coerentes e convinham uma linguagem visual precisa. Não autorizei que utilizassem nenhum tipo de palavra escrita, já que se tratava de um trabalho de leitura de imagens e suas reverberações, portanto somente imagens foram autorizadas.

A leitura de imagens se deu depois que todas as colagens foram afixadas a uma parede da sala de aula. Aqueles que a confeccionaram não poderiam falar sobre elas, deixando, assim, espaço para novas descobertas a partir das observações dos colegas. Conforme nos diz Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006), é necessário produzir arte para compreender sua ação formadora através da leitura das imagens:

... a função da arte, na escola, é ensinar a ver, e por isso é necessário desencadear um processo de *formação de sentidos*, pois os objetos mais do que vistos, precisam ser compreendidos em seus significados. Para tanto, é

necessário um trabalho contínuo e sistemático com a produção cultural que inclui, sem se restringir a elas, as obras de arte como via de *familiarização cultural* por meio do *domínio dos conhecimentos artísticos* sistematizados na forma de História da Arte (SCHLICHTA; TAVARES, 2006, p. 8).

Ainda, a facilidade material para se conduzir um trabalho com colagem artística é um dos pontos que me incentivou a optar por esta linguagem, já que necessita-se somente de papel, revistas usadas, tesoura e cola para compor uma boa colagem. Além disto, a reorganização das imagens fornece uma abertura para criações inusitadas e enriquecedoras, estimulando pensar questões ligadas à espacialidade e à interpretação visual.

Observei que os estudantes do PARFOR se colocaram abertos a novas descobertas e saberes quando se dispuseram a fazer uma colagem artística que não utilizava nenhum tipo de linguagem verbal. A relevância de aprender a utilizar-se de linguagens diferentes daquelas que usamos corriqueiramente mostra a abertura de possibilidades destes estudantes de relação às várias linguagens disponíveis de serem utilizadas no ambiente educacional.

Conforme nos informa a educadora Maria Sívia Cintra Martins (2009, p. 31), os estudantes necessitam aprender a compreender e a comunicar-se de forma multissimbólica, utilizando várias linguagens para expressar seus pensamentos, ideias, emoções, abstrações, aprendizados, ensinamentos, etc. E os aprendizados provenientes das experiências artísticas podem facilitar este processo multissimbólico. Assim, conforme Simone Selbach (2010), um problema deve ser lançado aos estudantes enquanto forma de novas descobertas:

O sentido com que se trabalha, neste livro, a palavra “**problema**” é diferente da ideia generalizada de uma questão matemática proposta para ser resolvida. Em seu sentido educacional, **problema é um desafio, uma provocação ao aluno, incitando-o a esclarecer dúvidas ou dificuldades que envolvem um tema, uma pesquisa ou mesmo uma ideia criativa que busca soluções para ser viabilizada na prática** (SELBACH, 2010, p. 95).

Também, o pensador da educação brasileira, José Carlos Libâneo (2005) vê, também, grande relevância na comunicação multissimbólica através do uso de várias linguagens no ensino escolar brasileiro, conforme nos mostra a passagem abaixo:

A constituição dos significados pela linguagem e sua manifestação nas culturas particulares leva à busca de uma compreensão intersubjetiva, dialogal, com base na pluralidade de linguagens, nas diferenças. O conhecimento e o currículo escolar, na perspectiva pós-moderna, colocam os saberes experienciais decorrentes da vida cotidiana, da cultura, das subjetividades como base de sua formulação (LIBÂNEO, 2005, p. 39).

E foi exatamente no sentido de fazer com que os “saberes experienciais decorrentes da vida cotidiana” dos estudantes do PARFOR, provindos da contextualização, leitura e criação de colagens, que este artigo se colocou como uma observação sobre a prática docente nas aulas de artes.

Alguns estudantes do PARFOR me relataram, no semestre seguinte às experiências, que realizaram colagens com seus alunos e que os resultados foram muito proveitosos. Posso imaginar as crianças criando novas imagens a partir de imagens de revistas! Além disso, é necessário contextualizar tanto a linguagem artística utilizada como a leitura da criação final, como nos informa Simone Selbach (2010):

... é essencial demonstrar com segurança que existe uma contextualização histórico-social nos trabalhos artísticos, mas que, mesmo sendo o artista e sua obra, de certa forma, sujeito de seu tempo e de seus valores, ainda assim sempre buscou a criatividade e sempre sua obra mostrou-se capaz de “dizer” algo que texto algum poderia sintetizar (SELBACH, 2010, p. 137).

Assim, as experiências com a linguagem da colagem jamais poderiam ser executadas somente de forma verbal, ou escrita, ou com movimentos, ou com mímicas, etc., já que cada linguagem traz suas especificidades artísticas e criativas próprias, que podem ser geradoras de novos mundos sensíveis e cognitivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posso concluir que alfabetizar e letrar visualmente os estudantes-professores que cursam a Licenciatura em Pedagogia/PARFOR se tornou uma necessidade fundamental para o entendimento de um mundo com os mais variados significados e que este mundo pode ser decodificado através de várias linguagens. No entanto, é necessário conhecer diferentes linguagens para poder ensiná-las e usá-las criticamente. Com a utilização de diferentes linguagens, o estudante-professor do PARFOR poderá buscar se expressar de forma criativa e deixar de lado a predominância da linguagem verbal-escrita.

Vale lembrar que as oficinas de colagem podem ser utilizadas em todos os níveis educacionais, das creches ao Ensino Superior, obviamente observando as necessidades e capacidades de cada público, porém sempre com resultados surpreendentes e grande ganho de conhecimentos.

Os vários mecanismos de codificação da colagem e de sua decodificação requerem um professor alfabetizado e letrado visualmente, um professor capaz de utilizar os conhecimentos

oriundos das imagens na vida prática de seus estudantes. Conforme coloco, aqui, em um texto meu escrito para a Revista Conhecimento e Diversidade (2014):

...a formação analítica continuada dos professores (fundada no campo das Artes Visuais) em relação ao que veem, leem e escutam pode ser um caminho inicial para preparar o professorado antes de preparar os estudantes, já que, muitas vezes, os estudantes chegam à escola mais bem “armados” de conhecimentos tecnológicos que seus professores (RODRIGUES, 2014, p. 100).

Portanto, formar os professores da Licenciatura em Pedagogia/PARFOR para compreender a importância da alfabetização e do letramento visual é uma árdua, porém gratificante. Com bons professores que possam decodificar várias linguagens e utilizá-las na vida real de seus estudantes, com certeza, a educação brasileira melhorará em vários aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. **Comunicação e Educação**. São Paulo, v. 01, n. 02, p. 59-64. jan./abr. 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; Maria Felisminda de Rezende e Fusari. **Arte na educação escolar**. 4ª ed. São Paulo: Cortex, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, Coleção Leitura.

JANSON, A; JANSON, Anthony. **Iniciação à História da Arte**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. IN: **As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação**. Capítulo 1, pág. 15 a 58, 2005.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Oralidade, escrita e papéis sociais na infância**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Série gêneros e formação, 1ª reimpressão, 2009.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Ed. Do Brasil, 2009.

ROCHA, José Manoel de Sacadura. **Antropologia jurídica: para uma filosofia antropológica do Direito**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda, 2010.

RODRIGUES, Wallace. Docência escolar e o lugar de valorização cultural indígena brasileira: o caso do PARFOR. IN: **Anais - VI Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro Oeste sobre Formação Docente para a Educação Superior e Básica - VI ENFOR SUP e I Encontro Internacional sobre Formação Docente para a Educação Superior e Básica - I ENTERFOR**. UnB e FIOCRUZ, 13 a 15 de maio de 2015, Brasília, DF, pág. 1-11, ISSN: 2445-5526.

_____. Letramento imagético e midiático em arte-educação. IN: **Conhecimento & Diversidade**. Niterói, v. 6, n. 12, p. 90–101, jul./dez. 2014 ISSN: 1983-3695.

_____. “Saindo da caixinha” com Arte-Educação: experiências estéticas no ParFor. IN: **Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental**. Cruzeiro do Sul (AC): UFAC/CEL (Campus Floresta), 2013ano 02, 2013, nº 03, pág. 300-311, ISSN: 2317-0824.

SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte; TAVARES, Isis Moura. **Artes Visuais e Música**. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, Coleção Ensinar Bem.